VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
28 a 31 de outubro de 2007 • Salvador • Bahia • Brasil

Debates em Museologia e Patrimônio
Comunicação oral

MUSEU E TURISMO: uma relação delicada

MUSEUM AND TOURISM: a delicate relation

Ana Lúcia Siaines de Castro (PPGCI/UFRJ. anadecastro@terra.com.br)

Resumo: Conceito do museu como espaço social de cultura. O museu e seu caráter de guardião da cultura material da humanidade. O turismo em sua vertente cultural e as recomendações da OMT. As relações entre turismo cultural e museus. As recomendações para que não ocorram conflitos de interesses entre a preservação do patrimônio cultural e as demandas turísticas.
Palavras-chave: Museu. Museologia. Turismo. Turismo cultural. Preservação patrimonial.

Abstract: *Concept of museum as a social space of culture. The museum and its character of guardian of material culture of the Humanity. The cultural tourism and the OMT recommendations. The relation between cultural tourism and museums. The recommendation about the conflict of interest beetween the preservation of the cultural heritage and tourism.*
Keywords: *Museum. Museology. Tourism. Cultural Tourism. Patrimonial Preservation.*

1. Considerações Iniciais

Este trabalho busca discutir as relações entre museu e turismo em suas especificidades e naquilo que se pode denominar de delicadas relações. O ponto nodal da questão identifica o território do museu extensivo à condição de elo cultural na prática das atividades de turismo, sobretudo, às de turismo cultural.

Nesta perspectiva, o museu coloca-se tanto como agente transmissor de cultura, quanto como mediador de experiências visuais e expositivas. Por sua vez o turismo busca uma abrangência multidisciplinar a fim de alcançar uma ampliação em seu conceito cultural.

O texto está estruturado em dois eixos temáticos: o museu como questão social e o turismo cultural como possibilidade de interação patrimonial, com o objetivo de trazer contribuições aos dois campos.

Ainda que instigante, a temática procura refletir sobre o que representa para o museu a relação com o turismo, por força da preservação do patrimônio cultural, compromisso maior do museu, e das demandas de consumo turístico da sociedade.

Mesmo considerando que o conceito de patrimônio enquanto herança cultural contém um horizonte homogêneo e estabilizador, o processo de incorporação museológica vem de transformar-se em estrutura motriz que almeja colocar o homem como sujeito de sua história e de seu processo cultural.

Tal relação ganha relevância no entendimento de que as duas áreas possuem aspectos complementares e diferenciados no tocante à questão cultural e patrimonial. Porém não excludentes.

Na prática, a complexidade da construção do turismo cultural exige uma relação dinâmica entre os vários tipos de atividades culturais para o seu desenvolvimento.

Para o museu, o desafio em atender às demandas turísticas significa reavaliar seus objetivos e preceitos que, muitas vezes, se deslocam em mão inversa à expectativa turística, ou seja, restringir a utilização para preservar.

Se o turismo almeja ampliar o potencial de utilização dos museus como recurso turístico, essa é uma perspectiva que, obviamente, traz alguns conflitos. Um dilema a ser dosado e avaliado.

Na companhia de MORIN (1996), apreende-se que, para se alcançar o entendimento, é necessário não anestesiar a surpresa e, sobretudo, não ocultar a complexidade. Antes de tudo, prosseguir interrogando.

2. O museu como questão social

Como definir é sempre uma prática metodológica recomendável, no artigo 3º do Estatuto do *International Council of Museum* - ICOM, museu é conceituado como uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe, com a finalidade de estudo, educação e lazer, os testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente.

Porém tal definição nem de longe açambarca a complexidade da relação dialética que acompanha o homem em sua trajetória no campo material – em sua vinculação com o objeto - e no campo simbólico – em sua expressão museológica -, processo que requer uma análise mais ampla.

O museu, como possibilidade cultural de variadas leituras, de descobertas interiorizadas que afloram desavisadamente, vem rompendo com o conceito impregnado de senso comum que penetra o imaginário social como local de velharias ou sem interesse.

Diferentemente, como um caleidoscópio, uma ida ao museu surpreende e provoca uma vertigem de percepções e lembranças até então adormecidas na memória, ao criar caminhos

para uma viagem cujo roteiro só o indivíduo pode estabelecer e determinar quando se completa.

Como uma das instituições que melhor representa a relação inquieta do homem com o mundo que o cerca e que o define socialmente, o museu contém uma força simbólica tal qual uma cercadura mágica para protegê-lo da angústia do desaparecimento, da finitude.

Em sua garantia de permanência, o museu proporciona acesso ao desvendamento da morte ressignificada em eternidade. A sociedade, por extensão, obtém no museu uma das formas de se reconhecer enquanto representação coletiva de suas classes sociais, ao se expressarem culturalmente.

Por força dos aspectos que confluem na dinâmica social do museu, seja em seu formato mais arcaico, seja no caráter institucional, tal experiência configura-se como uma alusão museológica tão remota quanto a percepção do ser humano sobre suas referências simbólicas acerca do ambiente que o cerca e daquilo que o projeta: seus objetos.

Multifacetado como conceito social, a gênese do museu consolida-se através de três feições nucleares, inseridas no universo psicossocial, simbólico e material da evolução humana.

Em sua **feição mitológica** remete-se a Templo das Musas - filhas de Zeus e Mnemosyne, deusa da memória, do qual o vocábulo musa etimologicamente forma a palavra museu, ou seja, *mouseion* do grego, *museum* do latim tardio.

Situado em Atenas, era um local evocativo à inspiração e ao saber, onde os eruditos do mundo helênico e egípcio reuniam-se para apreciar as artes, desenvolver estudos filosóficos e criar poesias, sob a inspiração das Musas.

Tanto o *mouseion* ateniense como o alexandrino dispunha de biblioteca, anfiteatro, jardim botânico, pinacoteca e alas de exposição, caracterizando-se, ambos, como centros de produção intelectual e artística.

Com a expansão do conhecimento ressaltam-se os traços denotativos de museu em sua **feição enciclopédica**, cuja marca indica os princípios do procedimento museológico ligado à exaustividade, à catalogação das coleções, e, por via de conseqüência, o generalismo enciclopédico que orienta a acumulação desordenada de acervos.

Dos mais genéricos aos mais específicos, tem sua caracterização nos chamados *gabinetes de curiosidades*, que reuniam desde importantes acervos a objetos exóticos e até fragmentos insignificantes.

A referida prática pode ser responsável por certa conotação pejorativa de museu que ainda permanece no imaginário popular, até no erudito, como se apreende no instigante poema “Museu de tudo”, de João Cabral de Mello Neto (1988, p. 269).

A estabilização da moderna acepção de museu firma-se em sua **feição institucional**, resultado da conjugação de pilares sociais, políticos, culturais e econômicos.

Tal processo favorece a complexa vinculação do museu com o Estado, desde sua formalização até sua história recente, seja pela função atribuída oficialmente de principal depositário de documentos e objetos ligados a fatos históricos, saber científico ou produção artística, seja pela própria estrutura político-administrativa determinante do modelo museal brasileiro, de inspiração européia (CASTRO, 1995, p.18-22).

As coleções, ao serem abertas ao público, configuram uma estrutura orgânica de informação e comunicação. O objeto museológico passa a representar um papel social, caracterizando-se como um dos elementos formadores da identidade cultural e como mediador entre o homem e o mundo, carregado de signos e revelador de desejos e de aspirações sociais.

A questão ganha relevância ao ter a companhia de MOLES (1978) ao identificar que a função primordial do objeto é a de resolver ou modificar uma situação por meio de um ato utilizando (daí a raiz da palavra utensílio) um objeto. Por outro lado, junto com BARTHES

(1987, p. 173) compreende-se o objeto um mediador entre a ação e o homem, um transitivo que possibilitaria o homem de agir sobre o mundo, de modificar o mundo.

Difícil não se encaminhar com MOLES (1981, p. 9) ao considerar que "o objeto torna-se mensagem e mensagem social", proveniente do mundo dos homens, mediador da relação entre o indivíduo e a sociedade, foco esclarecedor da importância deste ponto da temática.

Por todo século XIX, os acervos reunidos destinam-se a formar os principais museus no mundo europeu e, por extensão, torna-se o modelo afirmativo da matriz européia nos territórios das colônias, configurando-se como forte expressão social de poder da camada burguesa que ascendia e que buscava garantir sua afirmação social.

Assim, dentre as instituições permanentes, o museu preenche e complementa uma necessidade psicossocial primária e remota de autopreservação, de autoproteção e de auto-satisfação, como indica a Sociologia ao estudar os usos sociais, costumes e instituições na formação de uma estrutura social, percebendo, também, componentes psicológicos para explicar sua evolução como necessidade e interesse humanos conscientes (SUMNER, 1965).

Dentre as mudanças ocorridas ao longo de todo final do século XX, uma mais das importantes refere-se ao fato do museu, em sua modelagem contemporânea, se estruturar como centro de informação e agente de comunicação, ao perceber as várias manifestações sociais e culturais que se encerram nos objetos.

Isto pode representar, inicialmente, uma tarefa complexa, porém a formulação de uma política de difusão cultural, adequada e ajustada às necessidades da sociedade e de seu patrimônio, mas, sobretudo, representa um passo importante para firmá-lo como centro gerador, e transmissor de informação.

Nesta vertente, a ação educativa se coloca como ponte para consolidar a aproximação do museu com o turismo cultural. Se fatores sociais, econômicos e políticos contribuem para uma aproximação do museu ao campo do turismo, uma revisão de procedimentos requer algumas adaptações, ainda que não livres de tensão.

Como uma prática alastrada no mundo, a utilização dos museus na dinâmica turística merece uma ampliação do conceito de turismo cultural, naquilo que tal perspectiva inclui possibilidades de proteção, fruição e devolução do patrimônio cultural e social que estão sob a guarda museológica.

Um dos principais desafios da museologia, como ciência dos museus, é se posicionar frente à utilização do patrimônio cultural como recurso turístico, levando em conta, segundo GONÇALVES (2007) questões como: a mundialização das relações políticas, econômicas e culturais; a aceleração dos processos de regionalização; e a descentralização administrativa que favorecem o reencontro ou a redescoberta do território museológico.

Vale considerar alguns aspectos renovadores na relação entre museus e turismo, sobretudo aqueles que dizem respeito à ascensão de uma camada social que clama por maior democratização na cultura.

GONÇALVES (2007) assinala que a expansão da educação e a renovação pedagógica motivam uma melhor integração entre público e cultura. Pode-se inferir também que a conquista do direito à cultura do ócio e do tempo livre estimula o turismo de massas e favorece o consumo cultural.

Essa percepção, que leva em conta as pessoas e as comunidades, provoca algumas indagações. Para tanto, é o caso de se refletir: quais as motivações para o turista cultural, o que o move, o que procura quando sai para os seus roteiros?

Uma das possibilidades de compreender tais questões é constatar que o turismo e a cultura, assim como o desporto, consolidam-se como instrumentos estratégicos de desenvolvimento da cidadania, da qualidade de vida.

Por outro lado, percebe-se que o patrimônio cultural em toda sua extensão representa um elemento importante na gestão e no planejamento das cidades, sobretudo como sustentação democrática de inclusão turística.

Sem restringir-se a um indivíduo e sim a uma nação inteira, engloba o território de um país e seus vários contextos históricos, acumulados sob forma de arte, crenças, tecnologias, lendas, conhecimentos, sistemas de produção e organização social.

É interessante, perceber como o vocábulo patrimônio liga-se à temática: etimologicamente, significa aquilo que se recebe dos pais, o que é de um por direito próprio, como é caso de herança familiar, ou ainda na acepção de complexos de bens, materiais ou não, que pertença a uma pessoa, empresa ou Estado e, quando suscetível de apreciação econômica, adquire um sentido mais amplo, tangencia a questão do turismo em sua feição econômica.

Os pontos até aqui levantados relacionam o patrimônio museológico às demandas turísticas, em contrapartida, o fato de avaliar o turismo cultural relacionado ao museu pode enriquecer a discussão.

3. Turismo cultural e museu

Na medida em que se considera que o turismo é um feito social, humano, econômico e cultural, altamente entranhado nas sociedades em geral, sua relação com museus, monumentos e sítios merece uma avaliação e talvez até algumas observações.

Segundo a definição da Organização Mundial do Turismo – OMT (2007), o turismo cultural é uma forma de turismo que tem por objetivo, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos.

Por outro lado, as disposições da UNESCO sobre o patrimônio cultural recomendam um incremento de projetos turísticos, que não só proteja monumentos como valorize as comunidades, onde quer que se localizem.

Sem dúvida, tais preceitos podem exercer um resultado positivo no tocante à preservação do patrimônio, e devem contribuir para a sua manutenção e proteção. Presume-se que esse comportamento só tenda a aumentar, por força dos conhecidos fatores de desenvolvimento da atividade turística.

Pode-se identificar que, com a queda das fronteiras políticas e ideológicas em diferentes setores, com os avanços das tecnologias da informação e da comunicação, o processo de globalização tem produzido efeitos de homogeneização turística nos principais pontos mais procurados para essa prática.

Esse efeito, estendido aos costumes, às culturas e à natureza, traz conseqüências preocupantes, face à atividade turística que, para dar conta das prerrogativas de turismo cultural, necessita da acolhida das instituições culturais e museológicas para sua a sustentabilidade.

Por outro lado, o estímulo gerado pelo turismo cultural exige uma relação dinâmica entre os vários tipos de atividades das instituições culturais. Um ponto a ser considerado refere-se à influência econômica do turismo cultural, já reconhecida internacionalmente, colocando a atenção, sobretudo, no seu impacto de consumo.

Esta reflexão pretende estabelecer uma ponte entre o que são e o que se espera que sejam os museus, em particular face às proximidades existentes entre eles e o turismo.

Em uma tentativa de sistematização geral do tipo de relacionamento existente entre a cultura e o turismo, percebe-se que nos últimos anos tem crescido de forma relevante a oferta de produtos culturais, como resultado de dois fatores principais: a revitalização dos museus nas últimas décadas e o fato da ‘indústria turística’ estar oferecendo mais programas integrados com produtos culturais.

Se, por um lado, o turismo cultural é uma área em desenvolvimento, que busca preencher necessidades de conhecimento científico e cultural para diferentes níveis de consumidor, por outro, o patrimônio cultural é uma fonte preciosa para a continuidade e a diversificação da oferta turística.

O turismo e o patrimônio cultural podem e devem estabelecer uma relação de sustentabilidade e de benefícios mútuos, segundo a OMT (2007).

Nessa perspectiva, os museus e os centros culturais são estimulados a desenvolver uma abordagem interdisciplinar em suas atividades, enquanto que os parceiros (museólogos e agentes de turismo) procuram chegar a ponto de trabalhar conjuntamente, com vista a atingir objetivos comuns e benefícios mútuos, e, sobretudo, para evitar conflitos entre esses dois setores.

Mas, na realidade, se existem interesses mútuos entre o turismo e o patrimônio cultural na gestão, conservação e apresentação dos acervos culturais e patrimoniais, os dois setores ainda operam em planos paralelos, mantendo uma parceria difícil, com pouco diálogo.

Neste aspecto, um dos conflitos localiza-se exatamente nos museus, cujos acervos têm valores sociais e intrínsecos, e cuja função precípua é preservar, independentemente de qualquer outra atividade externa ou geradora de recursos.

Enquanto que o turismo vê o recurso cultural e material na perspectiva do utilizador e valoriza-o pelo seu apelo cultural e extrínseco ao consumo.

O turismo tem em geral a tendência para maximizar o número de visitas aos bens culturais, enquanto os museus preocupam-se mais com a conservação, manutenção e exposição dos acervos, chegando até, se for preciso, limitar o seu acesso.

Percebe-se, portanto, que a atitude dos museus e do turismo em relação ao patrimônio e à preservação é basicamente diferente.

Nessa perspectiva, a ação educativa dos museus coloca-se como uma opção para minimizar o conflito de interesses e preencher determinadas lacunas, sendo, por exemplo, uma das formas disponíveis para conseguir dar resposta às necessidades de entendimento e de interpretação do observado pelos turistas.

No mundo do turismo consolida-se uma prática mais consistente de os museus e, sobretudo, os centros culturais fornecerem informação cultural aos visitantes de forma a saciar sua curiosidade sobre a cultura local. Vale registrar que turistas provenientes de países desenvolvidos têm grandes expectativas quanto a esse recurso.

Sem dúvida, é urgente que os museus reconheçam tais necessidades. Segundo GONÇALVES (2007) os visitantes ficam ansiosos por alguma informação básica antes de cumprirem o evento programado, em relação, por exemplo: à existência de recursos patrimoniais, às opções de chegar ao local, aos preços dos ingressos, às legendas bilíngües, etc.

É razoável imaginar que tais informações devam estar disponíveis, para que, quando o visitante chegar ao ponto escolhido, tenha segurança da escolha feita e obtenha percepção clara das características do país.

À medida que a compreensão sobre a cultura aumenta, os visitantes demonstram maior curiosidade sobre a história, o ambiente e as tradições, associados ao que está sendo mostrado e o que ainda falta ver (GONÇALVES, 2007).

A importância do diálogo expositivo tem por base fomentar uma percepção visual expressiva, capaz de despertar sensações, sentimentos e evocações.

Contudo, existem outros componentes não verbais e não visuais, ou seja, aspectos simbólicos que a cultura tem e que penetra no visitante sem que haja interferência ou mediação, na qual o estímulo lúdico da ação educativa pode ser muito proveitoso.

De forma geral, os museus e os centros culturais que dispõem de maiores recursos, procuram estar preparados para receberem visitantes e turistas, investindo na prevenção dos impactos negativos.

É inegável que, para além dos benefícios econômicos que cria, o turismo pode contribuir para a fixação de determinada identidade cultural e valorização social.

Sinaliza-se, com isso que a troca de experiências entre os responsáveis pelo patrimônio cultural e os agentes de turismo, é muito benéfica para ambos.

Por outro lado, exemplos não faltam de como uma visitação em massa traz de prejuízo à conservação do acervo, patrimônio da humanidade, face às demandas turísticas cada vez mais emergentes.

Assim, constatam-se que algumas observações levantadas devem ser razão para que haja maior aproximação e discussão sobre essa delicada relação, cujo benefício seria proveitoso para ambas as áreas.

4. À guisa de conclusão

O turismo, ao desdobrar-se em turismo cultural e associar-se ao patrimônio natural, material e simbólico de determinada sociedade, disponibiliza, sem dúvida alguma, uma grande variedade de produtos culturais, contudo, a relação que entre eles tem sido bastante questionada, e cabe a cada área encontrar uma fórmula que otimize a relação de custos e de benefícios.

Notório é que a sociedade mundial enfrenta o desafio do crescimento sustentável, assentado na valorização e na preservação de recursos naturais e culturais, mas, por sua vez, o turismo cultural tem, também, contribuído para que o patrimônio cultural assuma maior importância enquanto fator de desenvolvimento local e regional.

Neste contexto, tanto a Museologia como o Turismo ao ampliarem as funções culturais, com uma museologia mais participativa ou com o turismo agindo como ferramenta na integração cultural dos indivíduos, ambos contribuem para uma composição benéfica para os dois lados e para a cultural de modo geral.

O que se deseja na aproximação das idéias e de conceitos é que a ação museológica e a prática educativa em museus sustentem o papel social do museu como um território que possibilite atuação de uma museografia estimuladora, levando em conta que o turismo, segundo a OMT (2007), pode trazer aquisições socioculturais significativas, tais como:

- Gerar um ambiente de tolerância e compreensão entre os povos, permitindo os visitantes descobrir novas culturas favorecendo o respeito por novas realidades;
- Estimular nas comunidades de um sentimento de orgulho pelo seu patrimônio, no qual espelha a sua identidade;
- Dinamizar a valorização econômica dos locais de visita, através do comércio e dos serviços, criando emprego e riqueza.
- Priorizar a educação patrimonial, desde a infância e a juventude, na compreensão e no respeito a sítios, monumentos e patrimônio artístico, como forma de modificar atitudes negativas face ao patrimônio público.
- Considerar o patrimônio cultural como uma fonte preciosa para a continuidade e diversificação da oferta turística. O turismo e o patrimônio cultural podem estabelecer uma relação de sustentabilidade e de benefícios mútuos.

A cooperação entre as duas áreas, tendo em vista o desenvolvimento sustentado, parece ser a chave do sucesso. Por um lado, deve existir a consciência de que os museus possuem um potencial de atração turística, podendo constituir-se como parceiro principal do desenvolvimento do turismo cultural, e, sobretudo, facilitar as ações turísticas inclusivas que buscam dar à população com menor chance acesso aos bens culturais e turísticos.

E por outro, o turismo pode contribuir de forma positiva para a captação de novos públicos para a valorização das identidades locais, para o financiamento de projetos museológicos, bem como para as atividades de conservação e restauro.

Sem esquecer os preceitos de MORIN (1996), ao alertar sobre as surpresas que toda reflexão contém, percebe-se que as delicadas relações entre museu e turismo estão avançando.

Nessa perspectiva, todos os envolvidos só têm a ganhar, sobretudo, quando se reforçar a idéia de que a museologia e o turismo cultural caminham ao encontro do princípio constitucional do direito à educação, à cultura e ao lazer, um direito patrimonial de todos nós, brasileiros.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1968. (Coleção Debates: Semiologia).

BARTHES, Roland. Semântica do objeto. In: _____. *A aventura semiológica*. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 171-180.

BRASIL. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Promulgada em 1988. 29. ed. atu. rev. São Paulo: Saraiva, 2001. (Coleção Saraiva de Legislação).

CASTRO, Ana Lúcia S. de. **Museu: do sagrado ao segredo**. Uma abordagem sobre informação museológica e comunicação. 1995. 205 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Rio de Janeiro: UFRJ/ECO.

GONÇALVES, Alexandra Rodrigues. **O desenvolvimento sustentado da relação entre os museus e o turista.** Disponível em: www.dgturismo.pt Acesso em: jun.2007.

ICOMOS. **Charter of Cultural Tourism.** Disponível em: http://www.icomos.org/tourism/tourism_charter.html Acesso em:jun. 2007.

Le COADIC, Yves-François. **Ciência da Informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

Le GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992. (Coleção Repertórios).

LOWENTHAL, David. **The Past is a Foreign Country**, Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

MALINOWISKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura.** 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

MARTINDALE, Don. **La teoría sociológica**: naturaleza y escuelas. Madrid: Aguilar, 1968.

MELLO NETO, João Cabral de. **O museu de tudo e depois**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

MENSCH, Peter van. Metodologia da museologia e treinamento profissional. **Cadernos Museológicos**, Rio de Janeiro: Secretaria da Presidência da República/IBPC, v.3, p. 57-66, out. 1990.

_____. **O objeto de estudo da museologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO/ Universidade Gama Filho, 1994.

MOLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. (Biblioteca Tempo Universitário, 14).

_____. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

MORIN, Edgar. O futuro caminha para o passado. **Tempo: violência e cidadania**, Niterói, v. 1, p. 15 – 20, abr. 1996.

MOUTINHO, MÁRIO C. Museus e Sociedade. **Cadernos de Patrimônio**, Lisboa, n. 1, 1989.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. Disponível em: http://www.dgturismo.pt/ConhecimentodoSector/OrganismosInternacionais/OMT/index.htm. Acesso em: jun. 2007.

PRIMO, Judite Santos. Pensar contemporaneamente a museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 16, 1999.
SUMNER, William G. On the mores. In: THEORIES of society. New York: Free, 1965. p. 1037-1046.